

## Divagações de um idoso na linha vermelha



**MIGUEL LOTITO NETO**

é engenheiro consultor

E-mail: mlotito@uol.com.br

**E**ra de manhã, hora do contrafluxo, vagões quase vazios em direção à zona leste. No banco dos idosos, o velhinho, com quase um **Sé**culo de vida, pôs-se a lembrar dos tempos antigos, quando o metrô, novidade em Paris e Londres, nem se cogitava em São Paulo. Apenas ônibus e bondes serviam toda a cidade. Automóvel, símbolo de riqueza, privilégio de poucos. Causava admiração e inveja o desfilar de um enorme **Carrão** americano tipo lancha, de muito peso e pouca potência. Num esforço de imaginação, regressou aos remotos tempos do imperador **D. Pedro II** com suas luxuosas carruagens, uso exclusivo da aristocracia e da nobreza.

Lembrava-se do enorme Buick que o pai dirigia pelas ruas da periferia. Estradas esburacadas e poeirentas, cruzando bairros pobres em meio a pequenas propriedades rurais. Paisagem bucólica com pomares, hortas e currais. Não esqueceu o dia em que viajava de carro com seu pai e viu fugindo para o mato um **Tatu a pé**.

Nos dias de sol a **Bras** ador, dirigir nas estradas esburacadas era façanha estafante que só mesmo um herói desem **Penha**.

Certa ocasião, muitos anos atrás, ao voltar de um jogo do **Corinthians**, passando por uma favela de desafortunados, amontoados em miseráveis barracos, seu amigo **Artur, Alvin** egro fanático, muito irritado com a derrota do seu time, disse indignado:

– Isso é uma vergonha. O governo devia re **Patriar**ca da um desses miseráveis e despachá-los de volta para suas terras. Mas... que **Esperança, Guilhermina!** (expressão que ele inventou na hora) nosso presidente não tem coragem para isso, é um frouxo!

Nas viagens pelos bairros afastados não era raro ver

um case **Bres ser** devorado pelas chamas causadas por uma vela, único meio de iluminação. Era muito triste ver as crianças andando pelos esgotos a céu aberto sempre descalças, pois não podiam comprar nem ao menos um **Mooca** ssim.

Ca **Be lem** brar que ele fazia questão de viajar sozinho para se mostrar independente, apesar da dependência total da bengala, dos óculos e do aparelho de surdez.

– Me deixe em paz, dizia, quando algum filho queria acompanhá-lo nas suas andanças pela cidade. Vou muito bem sozinho. Não preciso de ajuda.

Enquanto sua mente vagava pelo longínquo passado, distraía-se observando nas estações os mais diferentes tipos: velhos e jovens, homens e mulheres. O que mais chamava sua atenção era o vai e vem das belas moças vaidosas e pensava: moça bon **Ita quer a** admiração dos rapazes.

Essa é a breve história do velhinho que, absorto nessas elucubrações e não percebendo a parada na **Vila Matilde**, desceu numa estação adiante. Desorientado, sem saber onde estava, andou vagando pelos corredores, escadas rolantes e catracas, perdendo a hora da consulta com seu geriatra.

O final dessa história só não foi trágico porque seu neto, viciado em internet, implantou sorrrateiramente um ship na inseparável jaqueta do avô. Depois de algumas horas, o encontro dos dois se deu numa estação, em outra linha, exatamente em frente ao guichê de “achados e perdidos”.

*Ao povão da zona leste que se espreme no metrô, sem chance de viajar no contrafluxo. 🚫*

